

**A EDUCAÇÃO COMO PROMOTORA DA SAÚDE:
“AVALIAÇÃO DO CONSUMO DE MEDICAMENTOS SEM
PRESCRIÇÃO MÉDICA (AUTOMEDICAÇÃO) ENTRE ALUNOS
DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)”**

Leonardo Gomes Fernandes ¹
Pedro Rodrigues da Fonseca Neto ²

RESUMO

A automedicação é caracterizada pelo uso de medicamentos pelo próprio indivíduo, onde na maioria das vezes, foram previamente indicados por pessoas não habilitadas profissionalmente na área de saúde como amigos. Este trabalho teve como objetivo avaliar o conhecimento de alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA), acerca do tema automedicação. O trabalho foi realizado com alunos matriculados em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Escola Estadual de Ensino Médio João Silveira Guimarães, sediada no município de São Bento/PB. Na avaliação sobre os problemas de saúde mais relatados pelos alunos, que levaram automedicação foram, dor de cabeça, com o percentual de 29,03%, seguido de infecções gripais com 12,90%. Em terceiro lugar aparecem, febre e inflamações de garganta com 8,06%. Seguidos de dores gerais com 6,45%, cólicas intestinais 4,83%, dores de coluna e inflamações gerais com 3,22%, e com 1,61% estão, alergias respiratórias, ansiedade, azia, cólicas menstruais, dor de ouvido, dor muscular, infecções gerais, náuseas e tosse. Levando em consideração os riscos da automedicação, através da educação, poderemos buscar a conscientização dos jovens, colocando essa problematização na pauta das discussões dos temas transversais e interdisciplinares, do currículo anual, sendo, um forte aliado nas disciplinas de ciências da natureza e humanas.

Palavras chave: Automedicação e EJA, Escola e saúde, Automedicação nos jovens.

¹ Doutorando em Ciências da Educação pela World University Ecumenical - EUA, leonardogfernandes@yahoo.com ;

² Doutorando em Ciências da Educação pela World University Ecumenical – EUA, pedronetto14@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A automedicação é uma prática comum no Brasil, de acordo com o Conselho Federal de Farmácia (2020), 77% dos brasileiros fazem uso de automedicação, ou seja, tomar medicação sem a orientação de um médico. A automedicação traz sérios riscos à saúde, pois, qualquer composto da preparação farmacêutica, principalmente o princípio ativo, está sujeito ao desenvolvimento de reações adversas e reações alérgicas no indivíduo. Esse trabalho tem um apelo informativo, com o intuito de esclarecer para estudantes os riscos da automedicação.

Como a automedicação é caracterizada pelo uso de medicamentos pelo próprio indivíduo, onde na maioria das vezes, foram previamente indicados por pessoas não habilitadas profissionalmente na área de saúde, como amigos (partindo do pressuposto que “eu tomei, resolveu, então tome, que vai resolver o seu problema também”), vizinhos, familiares colegas de trabalho, ou seja, uma indicação sem orientação médica, farmacêutica ou odontológica. Diante disso, é importante salientar que as mesmas doenças podem evoluir de diferentes formas nas pessoas, bem como, as dosagens terapêuticas podem ser administradas de forma personalizada e se levarmos em conta que, cada organismo possui características peculiares, logo, pode-se apresentar reações diferentes, para um mesmo medicamento, o que pode gerar reações alérgicas ou mesmo, risco de morte.

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) calcula que 18% das mortes por envenenamento no Brasil podem ser atribuídas à automedicação, e 23% dos casos de intoxicação infantil estão ligados a ingestão acidental de medicamentos armazenados em casa de forma incorreta.

Os medicamentos mais comuns na prática da automedicação no Brasil, de acordo com ICTQ (Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação), no ano de 2018, estão: analgésicos (48%), anti-inflamatórios (31%), relaxantes musculares (26%), antitérmicos (19%), descongestionantes nasais (15%), expectorantes (13%), antiácidos (10%) e antibióticos (10%).

De acordo com o laboratório Pfizer, os riscos mais frequentes nas pessoas que fazem uso de automedicação são: Intoxicação; interação medicamentosa; alívio dos sintomas que mascara o diagnóstico correto da doença; reação alérgica; dependência química; resistência ao medicamento. A automedicação gera também outro grande problema, no sentido de acumular medicamentos em casa. Esta prática pode trazer sérias consequências como: Confusão entre

medicamentos a serem ingeridos; Ingestão de medicamentos vencidos; más condições de armazenamento; Intoxicação de crianças por ingestão acidental.

Através da educação poderemos levar para o âmbito das escolas informações necessárias sobre temas relevantes como é o caso da automedicação, fazendo com que este, chegue até crianças, adolescentes e adultos. Segundo relatório elaborado pela ANVISA (2008), a educação está relacionada as práticas escolares de desenvolvimento de ensino e aprendizagem já a saúde está atrelada aos processos de doenças e tratamentos. Entretanto, podemos sim intercambiar estas duas áreas de conhecimento em busca de uma melhor qualidade e segurança em saúde pública.

Medidas em educação e saúde podem e devem caminhar juntas, no sentido de melhorar a abordagem e a produção de conhecimentos, práticas e sobretudo as que envolvem ações educativas no campo da promoção e proteção da saúde no ambiente escolar (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997).

Este trabalho teve como objetivo avaliar o conhecimento de alunos matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA), acerca do tema automedicação.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado com alunos matriculados no corrente ano (2023), em três turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), noturno, da Escola Estadual de Ensino Médio João Silveira Guimarães, situada a rua São Judas Tadeu, nº 53, bairro areia fina, município de São Bento/PB, pertencente a oitava Gerência Regional de Ensino. O corpo discente para pesquisa, totalizaram 35 alunos matriculados nas turmas “ciclo Va, ciclo Vb e ciclo VI da EJA”. As turmas Va e Vb são equivalentes ao primeiro e segundo ano do ensino médio. A turma ciclo VI é equivalente ao terceiro ano do ensino médio. A idade dos estudantes variou entre 19 a 47 anos. 74,3% dos participantes foram mulheres e 25,7% homens.

Para pesquisa foi utilizado um questionário (em anexo), elaborado através de formulário google, onde disponibilizamos o link de acesso pelos grupos WhatsApp das referidas turmas. Os alunos responderam a seis questões de múltipla escolha e uma questão subjetiva. Após a coleta dos dados, prosseguimos com a consolidação dos dados obtidos através da confecção de tabelas e gráficos, notebook, planilha Excel e word.

Segundo Gil (1999), “o questionário” pode ser interpretado “como uma técnica de pesquisa estruturada por um conjunto de questões direcionadas às pessoas, tendo por objetivo

o conhecimento de opiniões, sentimentos, crenças, interesses, expectativas, situações cotidianas, etc.”

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os percentuais de distribuição ficaram assim: 62,9% ciclo VI, 20% ciclo Va e 17,1% ciclo Vb. Em relação ao questionário sobre automedicação, os alunos responderam seis questões objetivas e uma subjetiva. Em relação a primeira questão, que perguntava: “Você costuma usar medicamento(s) por conta própria, sem prescrição médica?” 77,1% responderam que sim e 22,9% que não.

Os problemas relativos à saúde, o que leva a pessoa a se automedicar, estão abaixo elencados:

Problema de saúde	Número de citações	Percentual (%)
Alergia respiratória	1	1,61
Ansiedade	1	1,61
Azia	1	1,61
Cólicas intestinais	3	4,83
Cólicas menstruais	1	1,61
Dor de cabeça	18	29,03
Dor de coluna	2	3,22
Dor de ouvido	1	1,61
Dores gerais	4	6,45
Dor muscular	1	1,61
Febre	5	8,06
Gripe	8	12,90
Infecções gerais	1	1,61
Inflamação da garganta	5	8,06
Inflamações gerais	2	3,22
Náuseas	1	1,61
Não tenho costume de ir ao médico	1	1,61
Nunca tomo remédio sem consulta médica	5	8,06

Tosse	1	1,61
Total	62	100%

Fonte: produzida pelos autores

De acordo com os resultados obtidos, a dor de cabeça (cefaleia) foi o problema de saúde mais citado pelos estudantes, com o percentual de 29,03%, seguido de infecções gripais com 12,90%. Em terceiro lugar aparecem, febre e inflamações de garganta com 8,06%. Magalhães Et al (2011), trabalhando com 722 jovens de escola pública e privada, município de Fortaleza/CE, constatou que as enfermidades mais relatadas foram dor na garganta ou virose (45,1%) e inflamação (25,5%).

Em quarto lugar, dores gerais com 6,45%, em quinto aparece, cólicas intestinais com 4,83%. Ocupando a sexta posição em ordem decrescente de percentual, estão, dores de coluna e inflamações gerais com 3,22%, e por último, com resultados de 1,61% estão, alergias respiratórias, ansiedade, azia, cólicas menstruais, dor de ouvido, dor muscular, infecções gerais, náuseas e tosse.

Santos (2019), trabalhando com jovens de escola pública do estado de São Paulo, observou que 67% dos jovens entrevistados tomavam medicamentos para o alívio de dores, sendo que 38,6% mencionaram dores de cabeça especificamente.

Um dado que chamou atenção foi que 8,06% dos entrevistados, relataram nunca terem tomado medicamento sem a prescrição de um profissional habilitado. Bem como, 1,61%, disseram que não tem costume de ir ao médico se consultar.

Em pesquisa realizada por Bohomol (2020), com estudantes de um curso universitário da área de saúde ele encontrou que o sintoma prevalente responsável pela automedicação entre os estudantes foi a dor (74,6%), seguido de inflamação (15,8%) e resfriado (14,3%). Outro questionamento feito aos alunos, foi em relação a um prazo, dentro dos seis meses que antecederam a pesquisa, ou seja, quantas vezes em média eles utilizaram medicamentos por conta própria. Então, 40% responderam que fizeram uso quatro ou mais vezes.

Uma pesquisa feita pelo Conselho Federal de Farmácia (CFF) em 2020, aponta que quase metade da população brasileira se automedica pelo menos uma vez ao mês e 25% o fazem todo dia ou pelo menos uma vez na semana.

Magalhães Silva et al (2011), relata uso de medicamentos, nos últimos sessenta dias, por parte 72,0% dos participantes de sua pesquisa.

Sabendo dos riscos da automedicação, a intoxicação é considerada a mais perigosa. Segundo o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (ligado a FIO CRUZ), aproximadamente 30 mil casos de internações hospitalares, são registrados por ano no Brasil em decorrência de intoxicação por produtos medicamentosos. Os analgésicos, antitérmicos e anti-inflamatórios estão entre os medicamentos que mais intoxicam (CFF, 2019).

No entanto, 86,6% dos entrevistados falaram saber dos riscos de consumir medicamento sem uma prescrição médica e numa perspectiva animadora 85,7% não tiveram nenhuma reação alérgica ou adversa ao medicamento em uso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nos traz informações pertinentes, a partir dos resultados aqui mostrados e nos chama a atenção para este problema, que tem se intensificado mais ainda com o advento das tecnologias, mais especificamente quando do acesso à internet, por meio da maioria da população. É bem verdade, que algumas causas têm favorecido para essa intensificação e uso constantes de medicação sem prescrição médica, e entre elas estão: as péssimas condições do sistema de saúde, a dificuldade ainda muito presente quanto ao acesso a médicos, a enorme facilidade de produtos em farmácias, o largo acesso de marketing via internet sobre doenças e como curá-las e ainda a falta de um controle mais rigoroso por parte das instituições reguladoras quanto à venda de medicamentos prescritos.

Esses fatores todos e ainda associados a forma de vida como nossa sociedade convive na atualidade, onde ao mesmo tempo precisa trabalhar, se deslocar e dar assistência à família, tem feito com que as pessoas procurem formas mais diretas e automáticas na resolutividade de suas demandas e entre elas está o fator do cuidar da saúde. É nesse sentido que automedicação se encaixa, tendo se mostrado mesmo que aparentemente, satisfatória e ajustável a vida da maioria da população. Nosso alerta de que os resultados aqui apresentados neste artigo, devem ser no sentido de entendermos os perigos desse hábito corriqueiro na vida das pessoas e de seus perigos a curto, médio e longo prazos.

O artigo traz ainda uma questão importante e que de forma implícita vem alertar educadores e profissionais de diversas áreas quanto a necessidade de se trabalhar para uma consciência constante e séria no tocante aos perigos dessa prática na vida das pessoas,

principalmente fazendo alerta para os malefícios que em grau maior pode comprometer diretamente a vida dessas pessoas, levando-as à morte.

Ao final deste artigo, esperamos que o mesmo venha contribuir de alguma forma para a sensibilização do público em geral no tocante ao uso rotineiro e desenfreado da automedicação. Esperamos desta forma contribuir para uma maior compreensão dos perigos que a automedicação pode trazer à vida das pessoas, em especial aquelas mais vulneráveis e menos esclarecidas de nossa população.

REFERÊNCIAS

ADMIN ICTQ. PESQUISA: **AUTOMEDICAÇÃO NO BRASIL** (2018). 2018. ICTQ. Disponível em: <https://www.ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>. Acesso em: 29 abr. 2020.

Bohomol E, Andrade CM. **Cienc Cuid Saude**, 2020. ISSN online1984-7513. DOI: 10.4025, v19i0.48001. disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php>. Acesso em: 05/08/2023.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Apresentação dos Temas Transversais. MEC/SEF. Brasília, 1997.

Conselho Federal de Farmácia (2019). **Quase metade dos brasileiros que usaram medicamentos nos últimos seis meses se automedicou até uma vez por mês**. Disponível em: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/quase-metade-dos-brasileiros-que-usaram-medicamentos-nos-ultimos-seis-meses-se-automedicou-ate-uma>. Acesso em: 10/08/2023.

Conselho Federal de Farmácia - Brasil - Notícia: 30/04/2020 - **Levantamento mostra como o medo da COVID-19 impactou venda de medicamentos**. Disponível em: <http://www.cff.org.br/noticia.php?id=5747>. Acesso em: 11/08/2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SILVA, Ilane Magalhães, et al. **Automedicação na Adolescência: um desafio para a educação em saúde**. Medicamentos. Ciênc. saúde coletiva 16 (2011). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000700101>. Acesso em: 10/08/2023.



PFIZER, Laboratório. **Os riscos da automedicação.** 2020. Disponível em: <https://www.pfizer.com.br/noticias/ultimas-noticias/os-riscos-da-automedicacao>. Acesso em 28/07/2023.

Projeto piloto: **O CONTRIBUTO DA AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA PARA O USO RACIONAL DE MEDICAMENTOS**, ANVISA, 1ª edição, 2008. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/educacao-e-pesquisa/qualificacao-profissional-em-vigilancia-sanitaria/relatorio-do-projeto-educacao-e-promocao-de-saude-no-contexto-escolar-2005-2007.pdf>. Acesso em 28/07/2023.

SANTOS, Eduardo Solano Pina dos, et. al. **Prática da Automedicação entre Estudantes de Ensino Médio.** Cogitare enferm. [Internet]. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v24i0.61324>. Acesso em: 10/08/2023.